

Produção de ovos em sistemas de alojamento sem gaiolas: implicações para o bem-estar das poedeiras

Joel Estevinho

European Poultry Technical Manager, Alltech

A produção de ovos em sistemas de alojamento sem gaiolas, também denominados de sistemas alternativos, tem ganho destaque em anos recentes, principalmente na União Europeia (UE), onde mais de 55% das poedeiras estão já alojadas nos ditos sistemas. Parece inevitável que esta cifra aumente consideravelmente nos próximos anos, em resultado das decisões de vários produtores de ovos de grande dimensão, bem como de muitas empresas de transformação de alimentos, de distribuição alimentar, de restauração e de hotelaria, que deixaram já de produzir / comprar ovos de galinhas alojadas em gaiolas, ou anunciaram que deixarão de fazê-lo brevemente.

Esta liberdade de decisão dos operadores económicos converteu já os sistemas “alternativos” no novo padrão para a produção de ovos. A Comissão Europeia tomou recentemente uma decisão ainda mais radical: foi assumido o compromisso de apresentar até final de 2023 nova legislação, aplicável em toda a UE, que proibirá a utilização de gaiolas em todas as espécies pecuárias relevantes. Essa proibição, conforme também foi anunciado publicamente, poderá entrar em vigor já em 2027. Em resumo, está escrita uma verdadeira “crónica de uma morte anunciada” para as gaiolas na UE, cujo desenlace deverá ocorrer até ao final desta década.

Ao oferecer mais espaço às poedeiras, o alojamento em sistemas alternativos aumentam-lhes a mobilidade e a expressão dos seus comportamentos naturais. Apesar destas inegáveis vantagens, esses sistemas podem desencadear alguns problemas de bem-estar, com os quais os avicultores têm de lidar.

Em média, a taxa de mortalidade acumulada é superior em sistemas sem gaiolas, principalmente no de ar livre (com acesso ao exterior), quando comparada com a ocorrida em gaiolas melhoradas (mínimo de 750 cm²/poedeira). Esta diferença é explicada pelo aumento das prevalências de diversas doenças e de problemas comportamentais, nomeadamente canibalismo, infecções bacterianas e parasitoses, e ainda pela acção de predadores (em sistemas com acesso ao exterior) e pela esporádica ocorrência de episódios de amontoamento em lotes alojados fora de gaiolas. Além disso, as poedeiras com acesso ao exterior (sistemas de ar livre e biológico) têm contacto com aves selvagens, o que poderá expô-las ao vírus da Gripe Aviária e a outras importantes doenças contagiosas.

A introdução das gaiolas na avicultura industrial, ocorrida há décadas, permitiu a prevenção do contacto das galinhas com o estrume, a cama e o solo, o que resultou num melhor controlo dos problemas intestinais. Pelo motivo oposto, o alojamento em sistemas alternativos representa um “regresso ao passado” no que concerne à saúde intestinal, traduzido num agravamento de problemáticas como a disbacteriose, a coccidiose, a enterite necrótica, as verminoses, a histomonose e várias infecções bacterianas (colibacilose, pasteurelose, erisipelose e hepatite causada por *Campylobacter hepaticus*, entre outras).

Conforme é amplamente conhecido, o amoníaco (NH_3) é produzido a partir do estrume. Nos sistemas sem gaiolas, a remoção completa do estrume só pode ser feita quando as instalações estão vazias. Devido a esta circunstância, os níveis de amoníaco nestes sistemas são geralmente superiores aos verificados em gaiolas. Além disso, os problemas de saúde intestinal, mais comuns nos lotes alojados em sistemas alternativos, provocam a redução da absorção dos nutrientes da ração, o aumento da humidade da cama e, por conseguinte, o aumento do nível de amoníaco.

A actividade das aves sobre a cama, elemento obrigatoriamente presente nos pavilhões sem gaiolas, implica que os níveis de partículas em suspensão no ar sejam mais elevados nos sistemas alternativos. A concentração de bactérias no ar também é superior nestes sistemas, o que agrava o risco de surgimento de doenças respiratórias.

O picacismo (penas / cloaca) é potencialmente mais grave em sistemas sem gaiolas, devido à maior dimensão do grupo social, pelo que deverá merecer atenção redobrada por parte dos produtores em sistemas alternativos.

Vários autores demonstraram já que a resistência dos ossos é maior nas aves alojadas em sistemas de produção sem gaiolas. Paradoxalmente, porém, a prevalência de fracturas da quilha também é maior nestes sistemas. Consequentemente, este tipo de fracturas é um importante problema de bem-estar das galinhas alojadas em sistemas alternativos. Embora as causas das fracturas da quilha não tenham sido ainda totalmente esclarecidas, foram propostas algumas medidas para a redução da sua frequência e gravidade, nomeadamente: estimular a mobilidade das frangas durante a recria, através da utilização de poleiros, plataformas e rampas; limitar a altura, a distância e o ângulo entre os poleiros existentes no pavilhão de postura; dotar os pavilhões de postura de rampas e poleiros macios.